

(Áudio com a voz do entrevistado longe, muito difícil compreender... chiando muito desde os 8 minutos, não dá para entender quase nada...)

ENTREVISTADORA: Dia 7 de Junho de 2017, Helena Amorim, da comissão da verdade de Minas Gerais, entrevista Nilmário Miranda. Um pouco de indicação sua sobre a, a história do Nelson, do Nelson de Almeida né. Eu achei uma, um parecer seu na época da câmara, eu não entendi muito bem, foi um requerimento, você lembra disso?

NILMARIO: Não, não era, o relator do caso era da comissão de mortos e desaparecidos.

ENTREVISTADORA: É, é isso que eu não entendi, eu sabia que cê tinha sido relator.

NILMARIO: (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Mas está assinado como deputado, então eu não sabia.

NILMARIO: Então, eu representava a câmara dos deputados da comissão de mortos e desaparecidos.

ENTREVISTADORA: Ah, então é isso.

NILMARIO: Eram 7 membros, um deles fui eu durante 7 anos, (trecho incompreensível) eu não lembro mais (trecho incompreensível), e (trecho incompreensível) parece que não foi gravado, ou a gravação não chegou aqui, é isso?

ENTREVISTADORA: Não chegou, não tem nada aqui.

NILMARIO: Então, foi uma sessão (trecho incompreensível), aí estava tudo normal (trecho incompreensível) foi gravado.

ENTREVISTADORA: Foi gravado, mas teve problema, é.

NILMARIO: Puxa vida.

ENTREVISTADORA: Mas não foi só o caso do Nelson, que que é que cês trataram lá?

NILMARIO: Então, por exemplo, no depoimento do Jorge Medina, Jorge Amado Medina sobre, (trecho incompreensível). Do Edson Soares, muito bom, (trecho incompreensível), ele chorou, lembrando assim, a lembrança, da percepção (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Entre esse, o grupo Decisão?

NILMARIO: Tinha um grupo na faculdade de direito, era o grupo Decisão, eu fazia parte (trecho incompreensível), não era um grupo direitista, tipo assim, (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Tenta ocupar o lugar.

NILMARIO: (trecho incompreensível), mas fora ele os depoimentos foram muito bons (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Mas se tratou lá do caso Nelson de Almeida?

NILMARIO: Com certeza, inclusive né, é, poucas cidades de Minas tiveram o IPM para a situação na cidade (trecho incompreensível). Aí gerou a condenação do Tinga Roxo.

ENTREVISTADORA: Não sei desse caso não.

NILMARIO: Hem?

ENTREVISTADORA: Não sei desse caso não.

NILMARIO: Não entendi.

ENTREVISTADORA: Não sei desse caso.

NILMARIO: Não, no relatório final não entra nada disso?

ENTREVISTADORA: Não, não sei, entra lá que, de Teófilo Otoni um tanto de coisa, mas eu não conheço, eu não sei, porque (trecho incompreensível).

NILMARIO: Poucas cidades de Minas tiveram IPM na cidade.

ENTREVISTADORA: Ham.

NILMARIO: Quais que cê conhece? Deve ter uns 6, 7, onde teve IPM, específico.

ENTREVISTADORA: Ah, não sei, isso não é eu que acompanho, não sei se.

NILMARIO: Porque ele teve em Teófilo Otoni, (trecho incompreensível) segundo eles não devia ter o IPM.

ENTREVISTADORA: Uhum.

NILMARIO: (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Cê lembra de alguma outra cidade?

NILMARIO: Indicou o Tinga Roxo, ele era, tinha 3 alas no trabalhismo, tinha uma ala mais moderada, (trecho incompreensível), antiga, chegaram até um deputado estadual, tem 5 vereadores, né, a votação do (trecho incompreensível) era alta, então era mais moderado no trabalhismo. Tinha uma ala mais janguista, tampouco, pouco mais esquerda, digamos assim, tinha uma ala brisionista, que era esquerda, que fez o grupo Brisólis.

ENTREVISTADORA: Brisólis.

NILMARIO: Do Tinga Roxo, eles, todos, eles prenderam todos, e o Tinga Roxo era um cara liderança assim bem agressiva, ele era, veio, ficou preso, cumpriu pena, 2 anos de prisão, né, o (trecho incompreensível) para fazer um tombamento municipal utilizou um depoimento dele, o (trecho incompreensível) aqui em BH, isso foi (trecho incompreensível) enfim, (trecho incompreensível) tudo indica que teve uma infiltração lá, isso deve ter acontecido em muitos lugares, (trecho incompreensível) foi alguém lá como se fosse assistente da (trecho incompreensível), e como a maioria não tinha atuação política pública, a relação deles com o partido político era pública.

ENTREVISTADORA: Eram comunistas né?

NILMARIO: Comunistas, (trecho incompreensível) todos né, chegaram a prender, aí já acho sacanagem, dois ex prefeitos, doutor (trecho incompreensível) de Souza e doutor (trecho incompreensível) Antônio, as grandes lideranças foram presas. A articulação de aproveitar a diferença política e pegar dois ex prefeitos, foi presa muita gente em Teófilo Otoni, porque tinha um núcleo de comunistas da estrada de ferro, isso era real, lá em 47, na eleição, naquela eleição

estadual, lançou um deputado estadual pelo PcB, (trecho incompreensível), e um vereador (trecho incompreensível). Esse povo ficou preso 6, 8 meses lá, depois do golpe.

ENTREVISTADORA: É, esse tá na nossa lista, eu tenho certeza.

NILMARIO: É, e o filho dele, Jorge Amado Medina fez um depoimento muito bom, muito bom, o Edson Suares recuperou a história do grupo de jovens (trecho incompreensível) menor de idade, que era menores de idade (trecho incompreensível), na época tinha isso.

ENTREVISTADORA: Tinha.

NILMARIO: Nós tínhamos um grupo que virou história, já no ano de 64, e um pouco da história anterior, e eu fiz um depoimento também, mas abrangente igual eu estou falando, não falando do meu pai, foi preso, não sei o que, meu irmão, né, pessoal né, e familiar né, que tem situado. E o que que era os, os caras assim mais perseguidos, Tito Guimarães.

ENTREVISTADORA: Sim.

NILMARIO: É um cara que depois (trecho incompreensível). O (trecho incompreensível) de Castro, o (trecho incompreensível), liderança também ferroviária, pessoas mais, tinha uma militância pública, vereadores, houve um indiciamento de gente (trecho incompreensível), IPM sabe.

ENTREVISTADORA: Certo.

NILMARIO: (trecho incompreensível) pegou gente da região inclusive, pegou outros, (trecho incompreensível) não.

ENTREVISTADORA: E o Leão o senhor sabe essa.

NILMARIO: (trecho incompreensível) os três de (trecho incompreensível). Eu estou escrevendo da esquerda (trecho incompreensível) um livro, inclusive pergunta a história de Teófilo Otoni, (trecho incompreensível) progressista, (trecho incompreensível) estava estruturando um novo modelo de igreja (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: (trecho incompreensível).

NILMARIO: O Ari e o Serafim, (trecho incompreensível) o Joaquim foi (trecho incompreensível). Foi lá em Governador Valadares e trouxe os três de volta (trecho incompreensível) sabe-se lá o que que falou (trecho incompreensível) que conta a história (trecho incompreensível) ninguém foi preso, só os comunistas e os trabalhistas, (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Qual igreja?

NILMARIO: (trecho incompreensível) partido comunista (trecho incompreensível) sindicatos (trecho incompreensível) eles deixaram esse pessoal quieto (trecho incompreensível). Isso passa despercebido pela igreja (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Mas o Nelson não era de lá, ele foi deslocado para lá, é isso?

NILMARIO: Nelson (trecho incompreensível). Uma região lá do bico do papagaio (trecho incompreensível) tivesse uma lista, era para (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Cadeia foi, (trecho incompreensível).

NILMARIO: (trecho incompreensível) não sabia, caiu (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Agora lendo as informações que apareceram, e algumas organizações lá da comissão de mortos e desaparecidos, é, tem aquele policial eu disse que ele foi.

NILMARIO: (trecho incompreensível),

ENTREVISTADORA: Orosimbo né.

NILMARIO: É.

ENTREVISTADORA: Ele está vivo ainda?

NILMARIO: Deixa eu só explicar de forma geral.

ENTREVISTADORA: Ham.

NILMARIO: É que o (trecho incompreensível) importante isso aí, a versão oficial é que ele foi preso tá, atravessa por rio lá.

ENTREVISTADORA: Na rua da delegacia?

NILMARIO: (trecho incompreensível), que ele foi levado lá depois, fugiu, que na fuga aí houve o tiroteio, que ele tinha feito, participado de um assalto (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Ah, na Caixa.

NILMARIO: Na Caixa Econômica Federal.

ENTREVISTADORA: Que ninguém confirma né.

NILMARIO: É, eu fui, foi na cidade (trecho incompreensível), funcionários da Caixa antigos, gente que abriu a agência, nunca teve assalto na Caixa, (trecho incompreensível) era falsa. Aí o irmão dele (trecho incompreensível) achou assim que era um (trecho incompreensível) família do Nelson, e ele contou que viu Nelson (trecho incompreensível), isso dentro da cadeia, (trecho incompreensível). E o caso que apareceu, que eu tinha que provar era que ele tava, chegou a ser preso, logo foi morto, estava sob a guarda do Estado. Não era (trecho incompreensível) o objetivo, e a lei tinha uma limitação e foi por isso que eu tirei (trecho incompreensível) quem tivesse sido morto independente se tinha sido (trecho incompreensível), em qualquer circunstância, que a gente percebia que tinha muitos casos, mas não tinha prova que o cara (trecho incompreensível) sabia que (trecho incompreensível). Isso é importante, essa história, a cadeia está desativada, e o prefeito atual (trecho incompreensível) quer a cadeia para.

ENTREVISTADORA: (trecho incompreensível).

NILMARIO: Não, para fazer o Hemominas lá, remoção, e eu falei com ele: “Olha, o Nelson (trecho incompreensível) essa cadeia, então eu não sabia da história (trecho incompreensível). Fazer um auditório, alguma coisa, e o resto (trecho incompreensível) tá reivindicando a sessão para o município (trecho incompreensível) a muito tempo, a cadeia tá desativada a muitos anos. Isso é importante, por exemplo, a comissão da verdade pode recomendar.

ENTREVISTADORA: Recomendar isso, é.

NILMARIO: Que seja pelo menos parte memória da (trecho incompreensível) né.

ENTREVISTADORA: Pois é, mas nós estávamos querendo tentar ou o irmão do Nelson, ou esse Orosimbo, para ter mais um depoimento, porque nós não achamos nenhum depoimento do Nelson.

NILMARIO: (trecho incompreensível) aprovado pelo estado.

ENTREVISTADORA: É, aprovado, legal, isso é fato.

NILMARIO: (trecho incompreensível) depois posteriormente (trecho incompreensível), a comissão de mortos e desaparecidos (trecho incompreensível) o Fernando Henrique colocou lá a maioria, generais (trecho incompreensível), procurador federal que era filho de militares (trecho incompreensível), e esse cara que foi reitor da PUC também, super polemico que, são 4 pessoas para segurar a comissão né. Era uma luta para provar (trecho incompreensível), policial, e depois que o (trecho incompreensível) a comissão estava (trecho incompreensível) dentro da área de.

ENTREVISTADORA: De direitos humanos.

NILMARIO: Independente (trecho incompreensível) mais relacionado com (trecho incompreensível) que foi criado, aí nós fizemos um provisório e tiramos essas vedações, (trecho incompreensível) conceito da área da violência política (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Foi de responsabilidade do estado né.

NILMARIO: É, tiramos, tiramos essa, era muito difícil informações, e o (trecho incompreensível) fez o programa de (trecho incompreensível), documentos foram disponibilizados, aí gerou (trecho incompreensível), aqueles segredos dos segredos que mataram as pessoas (trecho incompreensível). Tudo destruído, até hoje (trecho incompreensível). Depoimentos não oficiais né (trecho incompreensível). Aí tem informações (trecho incompreensível). Líder principal da (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Então é possível que eles tenham mais, mais algo?

NILMARIO: (trecho incompreensível) eles tem mais informações (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Você não tem contato, é, por exemplo assim, esse irmão do Nelson nem com.

NILMARIO: É, porque eu, eu fiquei na comissão de 95 a 2002, (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: É.

NILMARIO: (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Ah, era a vaga da câmara.

NILMARIO: É, (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: E sobre a questão do corpo dele, não localizou até hoje? Não foi localizado até hoje? Porque na certidão de óbito está escrito que está enterrado no.

NILMARIO: (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: (trecho incompreensível) cidade, é.

NILMARIO: O problema é que, (trecho incompreensível) era municipal, como todos os cemitérios são né, tudo desorganizado, muita coisa, que a família é muito pobre, filhos de camponeses pobres, bem atrás, batalhou, ninguém brigou por isso, entende? De 69 até quando abriu isso, 20 anos depois, tinha passado muito tempo.

ENTREVISTADORA: E provavelmente ele foi enterrado como indigente.

NILMARIO: Como indigente.

ENTREVISTADORA: Sem nome na, na cova.

NILMARIO: É.

ENTREVISTADORA: E aí pela, pela legislação ele é considerado desaparecido, ou não?

NILMARIO: Morto oficial.

ENTREVISTADORA: É morto oficial.

NILMARIO: Morto oficial porque saiu uma nota pública com o reconhecimento da morte.

ENTREVISTADORA: Ah tá, não saiu como desaparecido não.

NILMARIO: Reconhecimento da morte.

ENTREVISTADORA: Uhum.



NILMARIO: (trecho incompreensível) que tenha participado da morte, no caso é morte oficial porque saiu uma nota do estado dizendo que um terrorista preso depois de um tiroteio, tentando fugir, etcetera, como eles faziam (trecho incompreensível), até o meu (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Da comissão.

NILMARIO: (trecho incompreensível) na comissão especial era junto com a comissão de familiares, baseado em um dossiê dos mortos e desaparecidos (trecho incompreensível) desmentir a versão oficial, desmontar (trecho incompreensível) né, desmontar a versão oficial, que era o caso. Então a gente parava ali, mas não tinha estrutura, meios, só quem tinha legitimidade para buscar restos mortais era a família, para pedir para investigar, (trecho incompreensível) mas naquela época, aqueles anos da, governo Fernando Henrique, era muito difícil.

ENTREVISTADORA: É interessante que a segunda certidão que o irmão dele conseguiu, já não tá escrito exatamente como estava escrito a primeira.

NILMARIO: A versão oficial.

ENTREVISTADORA: É, pois, não, a primeira era em via pública, na via mesmo né, que é, e essa segunda só fala no nome da rua onde era a cadeia.

NILMARIO: É, (trecho incompreensível) Portela.

ENTREVISTADORA: Já.

NILMARIO: Que para nós era mais um elemento de prova.

ENTREVISTADORA: Isso.

NILMARIO: Foi morto não na fuga, (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Tem uma terceira versão da Marinha, também não conseguimos achar esse documento não, mas é uma versão mais esdruxula ainda, nem lembro, que ele foi para o hospital, morreu no hospital.

NILMARIO: É.

ENTREVISTADORA: Alguma coisa qualquer assim, mas vou tentar ver então via (trecho

incompreensível).

NILMARIO: Agora, eu acho, a universidade federal gravou, que foi numa universidade, eu pedi que a sessão fosse na universidade para exatamente estabelecer um vínculo para ter uma instituição, que ela estava se organizando muito recente, que se interessasse pela questão de recuperação da memória de Teófilo Otoni, de tudo, inclusive disso.

ENTREVISTADORA: Nós não perdemos a esperança não, é porque veio para cá uma gravação, que ela dá perdida, ela não, perdida assim, ela não gravou parte das coisas.

NILMARIO: Sei.

ENTREVISTADORA: Aí nós achamos que estava tudo perdido, que tinha gravação que tinha perdido tudo, mas não, mas não, é porque.

NILMARIO: Eu acho que se, dependendo das coisas.

ENTREVISTADORA: Hum.

NILMARIO: Pelo fato de ter havido o IPM, é o IMP na internet, busca no arquivo público.

ENTREVISTADORA: Arquivo, é, azul.

ENTREVISTADORA: Mas é.

ENTREVISTADOR: Você quer que vê se o carro te busca no aeroporto?

NILMARIO: Ué, pode (trecho incompreensível).

ENTREVISTADOR: Não, eu tô falando lá para, lá em Montes Claros, aqui não tem jeito não.

NILMARIO: Ah, lá em Montes Claros? Não, ele já vai.

ENTREVISTADOR: Ah já vai?

NILMARIO: Já vai, não, aqui não precisa não.

ENTREVISTADOR: Tá ok, obrigado, (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Tá, vou falar de novo, rua Direita (trecho incompreensível)?

NILMARIO: Rua Direita (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Ham, de que que é?

NILMARIO: (trecho incompreensível), que é um, rua Direita é rua principal de, (trecho incompreensível). (trecho incompreensível) é um lugar onde o Tinga Roxa atuava, que ele fez uma espécie de reforma (trecho incompreensível) para a família (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Ham.

NILMARIO: E ele, por isso que ele era considerado o principal alvo da repressão na cidade, e.

ENTREVISTADORA: E esse livro é de quem?

NILMARIO: Marcio (trecho incompreensível), que é um historiador, dá aula na universidade federal, e Igor (trecho incompreensível), e eles contam histórias que se baseiam no IPM, desde buscar também depoimentos.

ENTREVISTADORA: É.

NILMARIO: Eles baseiam só no IPM, que é uma concepção para um historiador tem que ter documentos, só é, só se tiver documento, (trecho incompreensível) o Marcio, porque a versão dada por, por exemplo ele pega os depoimentos dos presos (trecho incompreensível). Aí todo preso mente uai, é tão obvio uai, você põe como se fosse, o depoimento fosse a, né? O preso mente uai, preso (trecho incompreensível) dizer a verdade, ele fala: "Meu pai virou testemunha, porque", falei: "O que é isso uai, sei nada disso, sei o que que meu nome apareceu aí, que que nós tamo fazendo aí", né. Ele.

ENTREVISTADORA: Você não quer tomar um café não? Porque eu acho que nós tamo.

NILMARIO: (trecho incompreensível) ele fala: "O que que eu tô fazendo aqui? O que que me puseram aqui? Não entendo porque, eu não sou nada disso, eu apoio esse pessoal", (trecho incompreensível) veementemente qualquer raça, qualquer vida, esquerda, agora (trecho incompreensível), que mora em Juiz de Fora e é médico.

ENTREVISTADORA: O nome que não.

NILMARIO: (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Um nome que nem brasileiro não é né.

NILMARIO: Não é, só tinha ele.

ENTREVISTADORA: Só tinha ele.

NILMARIO: Só gente de esquerda querendo saber quem era (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: É.

NILMARIO: Da Nicarágua e tal, tinha uma formação, eu conheci ele uai, (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: E esse livro, onde é que a gente acha esse livro?

NILMARIO: Foi a versão dos depoimentos dos presos que foram depondo perante o, ao longo do IMP, várias, muitas (trecho incompreensível), mais de 70 pessoas, e a maioria fala: “Não, não sei nada disso, foi (trecho incompreensível)”, né, como todo preso fala.

ENTREVISTADORA: Claro, para entregar o filme e contar a história ali.

NILMARIO: E contar a história, não eu sou assim (trecho incompreensível) foi candidato a deputado por 156 votos pelo PcB, pelo partido comunista brasileiro, e o, esse com o Medina aqui, (trecho incompreensível) naquela época, depois que saiu. O Marcio (trecho incompreensível), mas é um livro que conta a história, é um livro né, um livro para nós importante.

ENTREVISTADORA: Pois é.

NILMARIO: Publicou, virou.

ENTREVISTADORA: Mas é um livro mais antigo? (trecho incompreensível).

NILMARIO: Não, é recente.

ENTREVISTADORA: Recente? Ah, então eu acho.

NILMARIO: (trecho incompreensível) nos últimos 5 anos.

ENTREVISTADORA: Ham.

NILMARIO: Chama A rua Direita e (trecho incompreensível), (trecho incompreensível) o objetivo é falar da esquerda de Teófilo Otoni, mas ele fala isso, o objetivo é falar mais, ele conta a história de Teófilo Otoni, contextualiza, (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Mas fala do IPM.

NILMARIO: Mas fala do IPM, faz o livro todo baseado no IPM, (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Boa viagem, obrigada.